

O FREVO DA RURAL: UM PASSO PARA AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO RITMO DA EDUCAÇÃO

RAYSSA HELLENA ALMEIDA DE VASCONCELOS
(UFRPE/FUNDAJ)

MARIA HELENA CÂMARA LIRA
(UFRPE)

INTRODUÇÃO

A formação humana deve considerar indicadores sociais que subsidiem sua prática na escola, dentre eles as relações de gênero, classe social, sexualidade, raça, etnia, religiosidade, territorialidades e geracionalidade. Essas temáticas precisam ser pautadas sistematicamente, expondo as intenções pedagógicas na rotina escolar e não só para responder a situações de violência que desrespeitam a vida e os direitos humanos. Logo, entender o currículo escolar e a prática pedagógica sem considerar os problemas históricos e culturais é situar a escola longe de sua função social, a qual deve se materializar em inclusão e transformação da realidade através de uma prática social engajada¹.

Este texto tem como finalidade apresentar um relato de experiência sobre três projetos de extensão realizados pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), através do Departamento de Educação em parceria com o curso de Licenciatura em Educação Física, que focalizaram problematizar o currículo e a prática pedagógica da Educação Física, mais especificamente os conhecimentos da dança do Frevo e suas conexões com as Relações de Gênero.

Partimos do princípio de que a Educação Física tem a responsabilidade de contribuir com a formação tendo o movimento humano e seu acervo cultural como conhecimentos a serem destacados na vida escolar. Esta porção de conhecimentos que norteia a Educação Física escolar é chamada de *cultura corporal* ou *cultura corporal de movimento*, sendo organizada em conteúdos ou eixos temáticos como: ginástica, jogo, esporte, luta e dança. Logo, a Educação Física é um componente curricular encarregado por organizar, disponibilizar e problematizar de forma pedagógica a cultura corporal de movimento, considerando que seus saberes são compostos por fenômenos acumulados no decorrer da história.²

Nos projetos em tela experimentamos a dança como conhecimento curricular e conteúdo da Educação Física. Todavia, vale a ressalva de que não consideramos a dança ou qualquer outra prática corporal propriedade de um componente curricular, defendemos que a dança deve ser tratada

1 Para maiores reflexões sobre teorias críticas voltadas para a educação, ler Saviani (2008);

2 A cultura corporal e a cultura corporal de movimento são nomenclaturas atribuídas ao conjunto de conhecimentos da Educação Física que deve ser problematizado nas escolas. Esta compreensão parte de perspectivas teóricas críticas e pós-críticas que fundamentam propostas pedagógicas nesta área (ALMEIDA JUNIOR, 2007)

pela escola como um fenômeno sócio, político e cultural que ultrapassa aulas de Educação Física e Artes. Além disso, consideramos que a dança não deve ser refém de festivais ou qualquer outro evento do calendário escolar. Deve ser tratada, portanto, como um conhecimento coberto de sentidos e significados sociais, históricos, políticos, linguísticos, culturais e motores. A dança popular, neste caso, expressa a história de um lugar, de um determinado grupo e a história de homens e mulheres.

No que tange a dança do Frevo, corroboramos com o que defende a pesquisadora Carmem Lelis (2016)³ ao sublinhar esta expressão popular como uma forma de resistência da cultura popular nordestina, que tem seus recortes sociais, artísticos e políticos, além de suas disputas de poder. É uma linguagem que usa do “corpo forte, ágil e elástico que vai se soltar na multidão a inventar volteios e torções, dialogando com o ritmo binário da percussão marcial e das sugestões dos metais” (VICENTE & SOUZA, 2015).

O Frevo foi apresentado nesta experiência através da contextualização e conexão de sua história e configuração atual tendo como principal eixo problematizador as disputas de poder que acompanham as relações de gênero, neste sentido tivemos como principal inspiração teórica, pedagógica e política os estudos de Daniela Auad (2003; 2004; 2006; 2016) sobre *coeducação*. Alinhadas à Auad, acreditamos que coeducação não é somente juntar meninos e meninas, mas sim um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino, refletindo sobre as suas diferenças e apontando possibilidades de transformações sociais, culturais e pedagógicas (AUAD, 2016).

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Em 2015, realizamos dois projetos de extensão: “*O Frevo na rural: dando um passo para as relações de gênero*” e “*O lugar da dança na educação de meninas e meninos: problematizando a cultura popular*”. Ambos contaram com uma única equipe que direcionava ações coletivas de estudo, planejamento, execução e avaliação. Este grupo era formado por

3 Carmem Lelis é historiadora e pesquisadora da cultura popular pernambucana; é uma das coordenadoras do dossiê { Frevo }, vinculado ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossieiphan14_frevo_web.pdf>.

uma coordenadora, professora do Departamento de Educação da UFRPE; duas bolsistas, dois voluntários e uma voluntária, todas e todos estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física. No mesmo instante em que as atividades começaram, as ações dos dois projetos passaram a ser conhecidas, simplesmente, como *O Frevo da Rural*.

O Frevo da Rural oportunizou a participação de estudantes dos cursos de licenciatura da UFRPE, com encontros sistemáticos e semanais. O principal investimento dos projetos foi apresentar, discutir e, principalmente, elaborar uma proposta de intervenção pedagógica para o Frevo que evidenciasse sua dimensão histórico-prática e as disputas de poder que atravessam suas narrativas e manifestações. Em especial destacamos a presença das mulheres na história do frevo desde seu surgimento, com influências de mulheres que haviam sido escravizadas, capoeiristas e foliãs, passando pelas cantoras de blocos líricos do carnaval do *Recife Antigo* e chegando às expressões artísticas da contemporaneidade. Tudo isso sem desistir de trabalhar a gestualidade e a espontaneidade de sua dança, codificando seus movimentos. Esse investimento gerou a produção de três unidades temáticas: o Frevo Clássico, o Frevo Contemporâneo e o Frevo Acrobático.

A pergunta que insistentemente norteou os projetos foi: Como trabalhar o Frevo na escola evidenciando um debate em torno das relações de gênero dentro da cultura popular? Assim sendo, toda a proposta de experimentar o Frevo na escola atravessou estes projetos como uma atividade piloto, a fim de (re)pensar a prática desta expressão enaltecendo a interdisciplinaridade e a introdução de debates transversais importantes ao currículo, principalmente aquele culturalmente orientado.

Focalizamos estudos sobre a coeducação e tivemos como base de intervenção a abordagem metodológica inspirada na pesquisa participativa⁴. Como isso, elaboramos e experimentamos sequências didáticas oportunas ao trabalho do Frevo em sua dimensão estética, histórica e política.

Na culminância de O Frevo da Rural, reforçamos o papel da mulher nas expressões populares, trazendo referências históricas, performáticas,

4 A pesquisa participativa, que “valoriza muito a experiência profissional, tanto dos [as] pesquisadores [as] como dos pesquisados. Isso lhe confere uma característica interessante, que é a possibilidade de aplicação prática da temática que está sendo investigada” (RAUPP & BEUREN, 2013).

culturais e científicas como: o coral⁵ do *Bloco Lírico Compositores e Foliões*; Rebeca Gondim, passista, e, na época, graduanda em Dança (UFPE), também criadora do espetáculo *Na malandragem do feminino*; Carmem Lelis, pesquisadora da cultura popular, uma das facilitadoras da criação do Museu *Paço do Frevo* e do dossiê que rendeu ao Frevo, em 2012, o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade; e a homenageada do projeto, Zenaide Bezerra, líder da *trupe Bezerra* onde ensina frevo a partir de brincadeiras infantis, símbolo vivo e ativo desta dança, pois, com quase 70 anos, ainda *ferve*⁶ o chão como ninguém.

Com o intuito de dar continuidade a estas propostas, inspiradas(os) nos resultados de O Frevo da Rural, assumimos o mote da canção “*bom danado*”, de Luiz Bandeira e Ernane Séve, que diz: “*quem cai no passo não quer mais parar*”, e realizamos, em 2016, um terceiro projeto de extensão: “*Ô Abre Alas Que Eu Quero Passar: o frevo vai à escola*”.

A pauta deste terceiro projeto consistiu em vivenciar os conhecimentos sobre o Frevo dentro das escolas públicas; construir pontes entre as atividades extensionistas e a Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco, que incentivou a criação de núcleos dentro de instituições de ensino, os quais debatem os temas de gênero e combatem a violência contra mulheres dentro e fora das escolas; realizar a manutenção de um grupo de estudos e pesquisas sobre Frevo, Relações de Gênero e Educação Física; socializar as produções realizadas nos projetos anteriores e deste em eventos acadêmicos.

Realizamos um mapeamento junto à Secretaria da Mulher, sobre as escolas que criaram os Núcleos de Gênero, porém apenas um núcleo trabalhava com a cultura corporal de Movimento e, além de ficar no alto sertão do estado, estava passando por uma troca de gestão, o que nos impossibilitou de realizar trocas mais efetivas com a instituição.

Não desistimos! Elaboramos um plano de intervenção com atividades construídas pelas(os) participantes dos projetos anteriores, embora adaptadas para os públicos que buscávamos visitar: adolescentes do ensino médio.

5 Os corais tradicionais do Carnaval Recife são compostos por vozes femininas.

6 Há indícios que a palavra frevo vem do termo ferver, uma vez que seus dançarinos mexiam os pés como se o chão estivesse queimando em brasas. “Está frevendo! Freve!”, como diziam os populares.

No decorrer do processo nos deparamos com a ocupação das escolas por parte de estudantes secundaristas⁷, resposta radical e necessária para protestar contra as propostas do governo golpista do presidente interino Michel Temer, a reforma do ensino médio, a PEC 241 e o avanço da proposta “Escola Sem Partido”. Portanto, ficamos momentaneamente impedidas(os) de ter acesso a este público e decidimos visitar uma creche onde acontecia o Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Licenciatura em Educação Física e, mesmo com anseio por causa da diferença de idade entre os públicos, colhemos vários êxitos. De pronto, fomos chamadas(os) para entrar nas ocupações e participar do momento cultural da luta estudantil, através da realização de oficinas sobre relações de gênero e educação.

RESULTADOS

Os desafios delineados nestas experiências foram inúmeros, assim como os aprendizados e as expectativas de aprofundamento sobre as conexões entre a dança, a escola e as relações de gênero. Os três projetos tiveram um eixo comum e conseguiram transitar entre pessoas de faixas etárias distintas, oportunizou a vivência entre estudantes de graduação, pessoas entre 18 e 55 anos, mas também chegou a transpor esse mesmo conhecimento entre crianças entre 3 e 4 anos, passando por adolescentes e jovens estudantes do ensino médio. Isso exigiu um constante remanejamento de nossos planejamentos, muitas frustrações, mas também muitas conquistas pedagógicas nas discussões que perpassam a formação docente e discente.

No primeiro ano de projeto, tivemos uma média de 100 participantes, já no segundo ano de oficinas itinerantes, acessamos cerca de 50 jovens e, aproximadamente, 30 crianças. Atingimos também um público *online*⁸, com uma página que contou com 562⁹ seguidoras(es), que acompanhavam o compartilhamento detalhado dos encontros, sugestões de eventos, como *encontros de pesquisadores do frevo* o qual acontece

7 Estudantes ocupam 961 escolas e universidades contra retrocessos na educação <https://www.une.org.br/noticias/estudantes-ocupam-407-escolas-e-universidades-contr-retro-cessos-na-educacao/>

8 Página no facebook < <https://www.facebook.com/frevonarural> >.

9 Dado de 25/09/2021.

anualmente no museu Paço do Frevo – Recife, sugestão de documentários e divulgação de pesquisas sobre o tema.

A procura sobre *O Frevo da Rural* foi recorrente com o fim dos projetos. Recebemos perguntas sobre a retomada do projeto, demonstrando que não necessariamente o projeto em si, mas que o tema por si só, é permeado de interesses que vão desde a vontade de dançar até a vontade de conhecer sua história e suas possibilidades pedagógicas.

Todo o material sistematizado nestes projetos serviu como fonte documental para o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “*A coeducação também dança: contribuições para a Educação Física Escolar*” (VASCONCELOS, 2018). Pesquisa de autoria de uma das estudantes bolsistas dos dois anos e também uma das autoras deste relato.

Contribuir com a valorização do Frevo como conhecimento escolar, tendo as relações de gênero como indicador social para um debate necessário na formação humana, foi o principal legado destes dois anos de projeto. O grupo que idealizou e operacionalizou estas atividades assumiu uma empreitada com poucos recursos financeiros e poucas referências sobre a relação entre Frevo e Gênero no universo científico - acadêmico - pedagógico. Ainda assim, foi possível elaborar um mapeamento sobre mulheres pernambucanas que contribuíram com a propagação e resistência dessa expressão popular; confeccionamos sequências didáticas aplicáveis ao universo escolar e compatíveis com ciclos diferentes de escolarização, divulgamos e valorizamos a cultura popular dentro da universidade pública e compartilhamos os resultados em atividades de culminância, em eventos acadêmico-científicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. Qual a relação entre as teorias críticas da Educação Física e a prática pedagógica? Uma reflexão a partir de seus sujeitos. **Motrivivência**, Ano XIX, Nº 28, P. 12-26 Jul./2007.

AUAD, Daniela. **Educação para a Democracia e Co-educação**: apontamentos a partir da categoria gênero. Revista USP, São Paulo, v. 56, p. 136-143, 2003.

_____, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação**. In: reunião anual da ANPED, associação

nacional de pesquisa e pós-graduação em educação, 2004, caxambu. Anais da 27ª da reunião anual da ANPED., 2004.

_____, Daniela. **Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteiras e jogo de separação nas práticas escolares.** Pro-posições. v. 17, n. 3 (51) – set/dez. 2006.

_____, Daniela. **Educar meninas e meninos:** relações de gênero na escola. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2016.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.) Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013, p. 76-97.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

VASCONCELOS, Rayssa H. A. de. **A coeducação também dança:** contribuições para a Educação Física Escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física, Recife BR-PE, 2018.

VICENTE, Valéria; SOUZA, Giorrdani de. **Frevo para aprender e ensinar.** - [Olinda]: Editora da Associação Reviva; Recife: Editora UFPE, 2015.